



A REUTILIZAÇÃO DO PAPELÃO NA CONFECÇÃO DOS LIVROS CARTONEROS: PROMOVENDO A SUSTENTABILIDADE E A ECONOMIA COLABORATIVA NA AMÉRICA LATINA

Andréa Maria Carneiro Lobo¹

Larissa Tomazoni²

Marcelo Henrique Barbosa de Almeida³

1 INTRODUÇÃO

“Estamos condenados à civilização.
Ou progredimos, ou desapareceremos”.
Euclides da Cunha, *Os sertões*.

O Brasil é um dos países que se comprometeram, junto à ONU, em 2015, em implementar a “Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”. Tal agenda se caracteriza por uma série de medidas, ações e políticas a serem adotadas pelos países no sentido de intensificar estratégias para o crescimento sustentável, equilibrando o desenvolvimento econômico com o desenvolvimento humano e a proteção do planeta Terra.

Ao conjunto dessas medidas deu-se o nome de “Objetivos do Desenvolvimento Sustentável”. Elas foram apresentadas aos 193 Estados Membros das Nações Unidas e vêm na continuidade do ciclo iniciado após a “Rio + 20”, com a apresentação dos “Objetivos do Desenvolvimento do Milênio”, cujas metas a serem alcançadas foram previstas para o período situado entre os anos de 2000 e 2015.

1 Doutora em História pela UFPR. Professora de História do Direito do Curso de Direito do Unibrasil Centro Universitário. Tutora do PET do Curso de Direito do Unibrasil Centro Universitário. Membro da Voz Cartonera, São José dos Pinhais, PR; e-mail: andrealobo27@gmail.com.

2 Mestranda em Direito pela Uninter. Advogada OAB 83.635. Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Autônomo do Brasil – Unibrasil. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Constitucionalismo e Democracia (UFPR). Membro da Voz Cartonera; e-mail: lrtomazoni@gmail.com.

3 Graduado em Design pela UFPE. Graduando em História pela Uninter. Membro da Candeeiro Cartonera, Caruaru, PE; e-mail: candeeirocartonera@gmail.com.

Ao todo, os objetivos previstos na Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável são dezessete, a saber:

1. Erradicação da pobreza;
2. Fome Zero;
3. Boa saúde e bem-estar;
4. Educação de qualidade;
5. Igualdade de gênero;
6. Água limpa e saneamento;
7. Energia acessível e limpa;
8. Emprego digno e crescimento econômico;
9. Indústria, inovação e infraestrutura;
10. Redução das desigualdades;
11. Cidades e comunidades sustentáveis;
12. Consumo e produção responsáveis;
13. Combate às alterações climáticas;
14. Vida debaixo d'água;
15. Vida sobre a Terra;
16. Paz, justiça e instituições fortes;
17. Parcerias em prol das metas.⁴

Fruto do debate entre representantes da esfera governamental e da sociedade civil, esses objetivos se especificam em 169 metas, as quais contemplam a integração entre os níveis econômico, ambiental e social de forma indissolúvel e permeada pela necessidade premente da sustentabilidade. Em essência, o denominador comum desses objetivos e metas é findar a pobreza e a fome no mundo, combater desigualdades e agir contra as mudanças climáticas provocadas pela ação humana, as quais têm se processado em um ritmo acelerado nos últimos anos.

Em consonância com o debate acadêmico e de entidades da sociedade civil organizada sobre os “Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável”, aqui expostos, este artigo pretende mostrar uma iniciativa de origem latina, mais especificamente, Argentina, e que vem ganhando cada vez mais adeptos no Brasil. Trata-se das “editoras cartoneras” e de sua contribuição para o desenvolvimento social, a sustentabilidade e o acesso de mais pessoas aos livros, numa iniciativa de fomentar o ler, o escrever e o publicar. Escolhemos escrever sobre o tema porque acreditamos que se coaduna com os objetivos 8 (oito), 11 (onze) e 12 (doze)

4 Acerca do protagonismo do Brasil frente aos debates internacionais sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e sobre as ações, políticas e medidas já desenvolvidas pelo nosso país entre 2015 e 2017, consultar o “Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável”, publicado em 2017. O documento se encontra disponível para consulta em PDF no endereço eletrônico: <http://www4.planalto.gov.br/ods/publicacoes/relatoriovoluntario_brasil2017port.pdf>.

da Agenda 2030 e porque, de forma geral, se integra à tentativa de combate às desigualdades sociais e redução do impacto ambiental causado pelo descarte irresponsável do lixo industrial.

2 O LIVRO LIVRE, VIVE!

(...) os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebataam os bens do Egito para com eles se regalar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso perdido.⁵

Essa bela passagem de Michel de Certeau, mencionada por Roger Chartier, evoca de forma intensa a relação entre os livros e os leitores: estes são como exploradores de tantos mundos quantos forem suas leituras. Aventureiros se lançando a um lugar que só frequentam enquanto experienciam a leitura. Experiência sempre diversa, a cada novo leitor, a cada nova leitura. Os livros conservam histórias que se atualizam, em diferentes épocas, em diferentes leitores. Mas, seriam os leitores os viajantes desses mundos feitos de palavras, ou seriam eles o movimento a partir das quais essas palavras se tornam viagens? De qualquer maneira, a palavra, tornada texto, uma vez escrita, encadernada, publicada e publicizada, conserva, ao mesmo tempo em que está sempre mudando, a cada novo leitor, a cada nova leitura.

A ação pela qual um livro se atualiza em um dado leitor é apenas uma parte de um longo processo, o qual compreende, entre suas várias etapas, três momentos fundamentais: a escrita, a publicação e a leitura. Nem sempre, porém, essas etapas ocorrem de forma integrada ou harmoniosa. Há muitas histórias que nunca foram escritas e permanecem na tradição oral, resistindo, à duras penas, a várias gerações. Há, por outro lado, muitos textos, escritos, que nunca foram publicados, permanecendo manuscritos em páginas de cadernos guardados (ou seria escondidos?) nas gavetas, nos armários, nos baús ou digitados nos computadores de tantos escritores desconhecidos, marginais. E, por fim, no outro extremo desse processo, há tantos potenciais leitores aos quais a viagem da leitura é impossibilitada pelo alto preço dos livros no Brasil⁶.

Ainda que os livros impressos não constituam o único suporte através do qual uma história possa ser contada e uma viagem, atualizada (e é importante destacar que o preço dos

5 CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien, I. Arts de feire*. Paris: Galimard, 1990. p. 251. Apud CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UNB, 1999. p. 11.

6 Segundo dados divulgados pela Nielsen Holding N.V. (NYSE: NLSN), em 2013, o preço médio do livro no Brasil girava em torno de 34 reais, valor que pode ser considerado alto se pensarmos em uma família/pessoa que sobrevive com até três salários mínimos. Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2013/Preco-medio-de-livros-no-Brasil-e-de-34-reais.html>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

e-books também não é considerado acessível à maioria das pessoas de baixa renda) eles, de fato, ainda representam um instrumento considerável de inserção, inclusão e transformação social.

Como, então, tornar esse instrumento acessível a mais pessoas? Integrando escritores, editores e leitores de forma a suscitar que transformações sociais ocorram pelo viés da leitura? Como propiciar a autores, cujas obras nunca foram publicadas, o acesso à edição e publicização de suas obras, ao mesmo tempo, tornando-as acessíveis a um enorme contingente de possíveis leitores? Como fazer isso de forma sustentável, comprometida com o meio ambiente, atuando de modo a estimular a reutilização de material descartável? E, por fim, como fazer isso de forma a estimular a economia colaborativa, as redes integradas de produção e acesso à cultura?

Nós vislumbramos em um movimento nascido na Argentina do início dos anos 2000 uma possível resposta a esses tantos questionamentos: os livros cartoneros. Como é sabido, a Argentina vivia, desde meados de 2001, os efeitos de uma grave crise econômica, a maior desde o fim da ditadura civil-militar que comandou o país entre os anos de 1976 e 1983. Dentre esses efeitos, o fechamento de várias empresas e o aumento do número de desempregados. Naquele contexto, a coleta e a venda de materiais recicláveis – entre eles, o *cartón* (papelão) – tornou-se a alternativa de sobrevivência, uma forma imediata de se obter renda para um número crescente de argentinos que se viu na ausência de outras formas de garantir o seu sustento.⁷

Foi naquele contexto, no bairro “La Boca”, em Buenos Aires, entre 2002 e 2003 que, graças à iniciativa de Washington Cucurto e Javier Barilaro, ganhou corpo a ideia de uma nova forma de produção e reprodução de livros.

Uma alternativa editorial que une o papelão coletado pelos cartoneros – pessoas que têm como atividade financeira a coleta de *cartón* – com o propósito de tornar acessíveis, obras literárias de autores latino-americanos e a divulgação de sua cultura. Assim, nascia o primeiro selo cartonero, a editora Eloísa Cartonera, com o slogan “mucho más que libros”.⁸

Com Eloísa Cartonera teve início um movimento silencioso e latino-americano de criação, produção, reprodução e comercialização de livros às margens do grande e estabelecido mercado editorial. Encadernados com capas feitas com papelão recoletado das ruas ou com-

7 LOBO, Andréa Maria Carneiro; ALMEIDA, Marcelo Henrique Barbosa de. Por um mundo por vir: os livros cartoneros e a nova face da literatura marginal na América Latina. *Imaginário!* Publicação da Associação Marca de Fantasia e do Namid-Núcleo de Arte, Mídia e Informação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. N. 13, Dezembro de 2017, p. 47-60.

8 LOBO, Andréa Maria Carneiro; ALMEIDA, Marcelo Henrique Barbosa de. Por um mundo por vir: os livros cartoneros e a nova face da literatura marginal na América Latina. *Imaginário!* Publicação da Associação Marca de Fantasia e do Namid-Núcleo de Arte, Mídia e Informação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. N. 13, Dezembro de 2017, p. 56-57.

prado de catadores, os livros editados por “Eloísa” se constituíram em preciosas ferramentas de transformação social. Seus editores passaram a propiciar a publicação, tanto de obras clássicas da literatura argentina, hispânica e ocidental, quanto de autores independentes e praticamente desconhecidos, os quais dificilmente teriam a oportunidade de publicizar seus livros através de uma editora.

Encadernados artesanalmente, as capas dos livros cartoneros eram ainda pintadas à mão, normalmente, em mutirões compostos por diferentes grupos de pessoas – grupos de amigos, estudantes de escolas públicas, artistas plásticos, designers, escritores, colaboradores – de forma gratuita, coletiva e colaborativa. Primando pelo baixo custo, mas sem descuidar da qualidade, esses livros acabavam custando um valor bem mais acessível à população em geral do que os livros produzidos pelas editoras convencionais, justamente por se valerem de técnicas alternativas de confecção, ilustração e distribuição. Tal fator, além de permitir aos autores independentes a publicação de suas obras, favoreceu o acesso de uma ampla camada até então pouco atingida pela cultura livresca, aos livros impressos. Ainda: a iniciativa dos livros cartoneros difunde a ideia do descarte responsável de um dos subprodutos da indústria – o papelão – e sua reciclagem, contribuindo, na prática, para o desenvolvimento sustentável, tal qual destaca o professor Fernando Villarraga-Eslava:

O papelão jogado nas ruas, nas portas das lojas, nos depósitos dos supermercados, nas lixeiras das casas, até nas entradas das igrejas e dos estádios de futebol, o papelão jogado no abandono total. Que espetáculo horrível passar ao lado de uma caixa ou de um triste pedaço de papelão lamentando em silêncio seu trágico destino. (...) Um dia alguns seres de espírito elevado que andavam à toa na vida fazendo literatura e pintando quadros se juntaram com desejos de alterar o destino do papelão, de lhe dar uma condição digna com objeto no mundo, de não permitir sua destruição impune e eliminação inevitável. Assim, se o verbo se fez carne, o papelão se fez capa de livro. (...) Desde então o papelão passou a abrigar os sonhos, as aventuras e os devaneios da palavra escrita, da linguagem que em suas heterogêneas e plurais expressões se chama de literatura, na forma de coloridas e artesanais capas que mãos inventivas elaboram e que hoje constituem um grande catálogo de obras e autores.⁹

Da Argentina, a prática se difundiu por outros países latino-americanos (Peru, Bolívia, Chile, Venezuela, Panamá, Colômbia, Paraguai etc.) e atingiu o Brasil a partir da iniciativa de um coletivo denominado “Dulcinéia Catadora”, criado em São Paulo no ano de 2007.

9 VILLARRAGA-ESLAVA, Fernando et. al. *Maria Papelão Editora*. In: CHINCHAY, Alfredo Ruiz. *Libre vive libro*. Propósitos y experiencias de las editoriales cartoneras. Lima: Viringo Cartonera, 2014. p. 53.

FIGURA 1 – Livros cartoneros de várias editoras brasileiras, a saber: Candeeiro Cartonera (Caruaru/PE); Vento Norte Cartonero (Santa Maria/RS) e Voz Cartonera (São José dos Pinhais/PR)



Acervo da Candeeiro Cartonera.

Os livros da “Dulcinéia Catadora” (Brasil) são confeccionados por catadores da cooperativa de materiais recicláveis e parte do valor obtido pela venda dos exemplares é distribuída entre os envolvidos na produção. Dessa forma, a produção de livros cartoneros, além de estimular a disseminação da cultura livresca a um baixo custo, manifesta-se também como estratégia de geração de uma renda complementar aos trabalhadores envolvidos na confecção dos livros. Além da confecção dos livros cartoneros e divulgação deste material, o coletivo Dulcinéia Catadora também realiza oficinas de manufaturas de livros cartoneros, intervenções urbanas, exposições e projetos de livros de artistas. Atuando de forma social, sustentável e economicamente cooperativa, manifesta-se como resistência às práticas tradicionais do mercado editorial comercial, conforme se destaca a seguir:

Os livros são confeccionados por catadoras de papelão e outros profissionais que participam do coletivo. O Dulcinéia tem como ponto fundamental a sustentabilidade, baseando-se numa estratégia de geração de renda que consiste em vender os livros e repassar para as catadoras que os elaboraram o valor de R\$ 5 pela produção de cada exemplar, o que contribui para uma complementação de renda em torno de R\$ 300,00/mês.¹⁰

10 DULCINEIA CATADORA. In: CHINCHAY, Alfredo Ruiz. *Libre vive libro*. Propósitos y experiencias de las editoriales cartoneras. Lima: Viringo Cartonera, 2014. p. 31.

Dulcinéia Catadora é a primeira editora cartonera brasileira. Desde sua criação, o movimento se expandiu em nosso país, e hoje existem editoras cartoneras espalhadas por várias regiões, abrangendo estados como Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba. O Brasil é um país de extensão territorial continental, o que favorece uma diversidade cultural muito forte. Assim também ocorre com as editoras cartoneras atualmente existentes em nosso país. Cada selo cartonero aplica, em sua produção, características culturais, sociais e econômicas de sua região, sejam essas características linguísticas, estéticas e/ou ideológicas.

Produzidos de forma independente, os livros cartoneros não obedecem às amarras do mercado editorial. Esses livros com capas de papelão coletados nas ruas conquistam cada vez mais admiradores e adeptos ao que chamamos “Utopia de Papelão” e hoje o movimento tem adeptos para além da América Latina, países da Europa e África. O movimento artístico-literário cartonero apoia-se em alguns pilares fundamentais que alimentam e fortalecem os laços de amizade entre as editoras cartoneras.

Segundo o antropólogo chileno, César Trujillo Alfaro, as editoras cartoneras são um fenômeno social e cultural relativamente novo (e, por isso, ainda pouco estudado) e se situam no campo da criação alternativa, lançando edições de autores esquecidos e/ou emergentes, assim como propiciando a divulgação do trabalho de artistas plásticos, ilustradores e fotógrafos, os quais produzem suas obras tendo como matéria-prima um material cada vez mais abundante no globo – o papelão –, dando a ele um novo uso e, porque não dizer também, um novo significado. Esse é um dos aspectos que unifica o fazer cartonero, senão, o principal deles, ou seja, o uso do papelão na confecção artesanal das capas de livros. Em que pese esse elemento cultural comum, há, entre as diferentes cartoneras hoje existentes, muitas peculiaridades, dada a importância do contexto em que se inserem.¹¹

Dessa forma, as editoras cartoneras acabam se tornando, também, uma ferramenta de divulgação de elementos literários, artísticos e culturais locais. Essa divulgação é feita, sobretudo, através de páginas criadas por essas editoras em redes sociais, nas quais expõem suas obras, eventos, fotos e seu pensamento acerca do fazer cartonero.

Em que pese o caráter próprio de cada editora cartonera, elas apresentam alguns princípios em comum. Apontamos a seguir aqueles que consideramos serem alguns desses elementos, os mais significativos:

- Produção colaborativa;
- Sustentabilidade;

11 ALFARO, César Trujillo. *Editoriales cartoneras en Chile: Producción artesanal de libros, dinámicas subculturales-contraculturales y capital social desarrollados en sus talleres cartoneros y escenarios de venta. Tese para obtenção do título de Licenciado em Antropologia e de Antropólogo Social*. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Escola de Antropología. Santiago: Chile, 2017. Disponível em: <<http://biblioteca-digital.academia.cl/bitstream/handle/123456789/4272/TANT%20212.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

- Incentivo à leitura e à arte;
- Divulgação de autores iniciantes, locais, independentes e obras latinas;
- Valorização cultural;
- Visibilidade a grupos e questões sociais historicamente rejeitadas;
- Conscientização acerca do consumo responsável;
- Solidariedade e união latina;
- Resistência literária;
- Acessibilidade financeira ao objeto “livro”;
- Espaço aberto e livre para experimentações e transgressões artísticas, políticas e literárias;
- Utilização do cartón (papelão) na confecção das capas dos livros.

FIGURA 2 – Oficina de produção de capas cartoneras do livro: “Luz e Cena”, de Nay Harrison de Lucena, em Caruaru, PE. Janeiro de 2018. Acervo da Candeeiro Cartonera



Fonte: (Disponível em: <<https://www.facebook.com/candeeirocartonera/photos/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Tais princípios se concretizam na atuação das cartoneras e encontram-se sintetizados, tanto em sua prática, quanto nos valores que difundem por meio de seus livros.

3 UMA ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL DE RESISTÊNCIA

E partejamos o tempo do nascer das palavras
 E das rimas,
 E dos astros,
 E das almas.¹²

“E partejamos o tempo do nascer das palavras”. Na bela frase da autora Tais Milena encontramos uma designação interessante acerca do processo a partir do qual uma ideia se torna palavra, palavras se tornam texto e textos se tornam livros: a maiêutica do tempo das palavras, o tempo do texto literário, um “intertempo” que suspende a realidade, evocando temporalidades outras.

Esse tempo fugidio para o qual somos transportados ao percorrer um texto de ficção é um tempo que sempre retorna ao espaço de sua realização: aquilo que Maurice Blanchot denominou como “o espaço literário”.¹³ No espaço literário, o único compromisso da linguagem é com ela mesma. Liberta do fardo de servir ao propósito de significar o real, manifesta somente sua própria realidade, na irrealidade da ficção, constituindo-se como estratégia de estranhamento, de libertação para com um real imposto e suscitando um real por vir. Eis a potência do texto literário, segundo autores como M. Blanchot, G. Delleuze e Félix Guattari.¹⁴

(...) Em sua versão corriqueira, a linguagem não passa de um instrumento: ela se encontra subordinada a fins práticos da ação, da comunicação e da compreensão (...) subordinada ao mundo. (...) Na versão literária (...) a linguagem não parte de um mundo, mas constitui seu próprio universo, sua própria realidade (...) em seu uso literário (...) a linguagem revela sua essência, o poder de criar um mundo (...) as palavras passam a ter uma finalidade em si mesmas (...) a palavra literária apresenta o que Blanchot denomina ‘o outro de todos os mundos’ (...) a linguagem literária cria um mundo próprio de coisas concretas.¹⁵

Percorrer um texto literário, portanto, é um ato de resistência e, por isso, livros podem ser considerados perigosos por saberes institucionalizados que pretendem manter determinada concepção de real e inviabilizar outras. Por isso, viabilizar o acesso de mais pessoas à literatura pode ser considerado um ato de transgressão.

Ao propiciar o acesso de mais pessoas à textos literários e ao fazer isso propiciando que autores e histórias até então desconhecidos (e por que não dizer, desprezados) pelo mer-

12 MILENA, Tais. *As aventuras do pássaro menino e do eu menina*. Caruaru: Candeeiro Cartonera, 2018. p.18.

13 BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

14 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

15 LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumarã, 2003. p.19-20.

cado editorial possam publicar seus textos por meio de artefatos construídos coletivamente, de forma colaborativa e sustentável, preocupada com o meio ambiente, mas, também, com as pessoas, os livros cartoneros se constituem como poderosas ferramentas de transformação social. Essa transformação, que se dá a partir das margens (via forma marginal de produção de livros que publicam, via editoras marginais, autores também, muitas vezes marginais) dos poderes institucionalizados, nasce nas margens do mundo capitalista, na América Latina, em um período pós-ditatorial (tanto na Argentina quanto no Peru, por exemplo, pós-ditadura Fujimorista), marcado pelas tentativas de redemocratização política em meio a um contexto mundial caracterizado, economicamente, pelo avanço da globalização, e politicamente, pelo crescimento das tendências neoliberais de governo.

A esse processo, cujas consequências podem ser danosas, tanto para o meio ambiente quanto para os setores mais fragilizados de países periféricos, se opõem políticas de conscientização, como a proposta pelas Nações Unidas a partir de iniciativas como os “Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável”. A esse processo – e em consonância com os objetivos propostos para um desenvolvimento sustentável, tanto no aspecto econômico quanto ecológico e sociocultural – se opõem também iniciativas como a dos livros cartoneros. Há ainda que se destacar que vem se tornando um fator instigador e propiciador de integração latino-americana, via grupos e páginas criados nas redes sociais pelas editoras cartoneras (para divulgação dos seus trabalhos) a partir das quais essas editoras dialogam e trocam livros entre si – enviando-os via correio e via encontros internacionais, como o que acontece desde 2013 no Chile.

4 CONCLUSÃO

Nosso intuito foi apresentar aqui o movimento cartonero e como seus princípios se relacionam a tentativas de constituição de uma sociedade mais igualitária, colaborativa e sustentável.

Procuramos apresentá-lo como um coletivo formado por editoras independentes, não vinculadas ao mercado editorial nem ao universo acadêmico, que produzem livros encadernados artesanalmente com capas de papelão reutilizado e pintadas em mutirões. Tendo surgido como resposta à uma grave crise econômica na Argentina, hoje se expande com o intuito de estimular princípios e práticas vinculados à ideia de sustentabilidade e de estímulo à leitura e à produção de textos de forma alternativa, nos moldes de uma economia colaborativa (visto que é um movimento que não visa o lucro).

A estrela dos livros cartoneros é justamente aquele material tido como coadjuvante, descartável pela indústria: o papelão, um produto da indústria e para a indústria, criado especificamente para embalar, transportar e proteger os produtos industrializados, e que é hoje um dos principais materiais coletados para reciclagem, ao lado do vidro e do plástico. Sua produção cresce num ritmo ainda maior que seu reaproveitamento, pois constitui um dos principais termômetros da produção industrial: quanto mais industrializada uma sociedade, maior a produção de embalagens e mais séria se torna a questão do seu descarte responsável.

FIGURA 3 – Capas de livros cartoneros confeccionadas em mutirão, para o livro “Luz e Cena”, de Nay Harrison de Lucena, em Caruaru, PE. Janeiro de 2018. Acervo da Candeeiro Cartonera



Fonte: (Disponível em: <<https://www.facebook.com/candeeirocartonera/photos/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Relacionado ao tema do reaproveitamento do papelão como prática fundamental para o desenvolvimento industrial responsável e sustentável, há ainda o fato de os livros cartoneros, produzidos em esquema colaborativo e coletivo, evidenciarem as minorias, uma vez que seu preço é acessível (ampliando a possibilidade de acesso aos livros pelas camadas de baixa renda) e seu conteúdo, na maioria das vezes, projeta autores independentes, iniciantes ou marginais ao grande mercado editorial, e que, por isso, dificilmente teriam condição de publicar seus textos.

O movimento cartonero tem ainda o aspecto de levar os livros – produtos que, em sua origem, tem uma conotação elitista e acessível somente a alguns setores da sociedade (sobretudo no Brasil, em que os preços dos livros são consideravelmente altos se comparados à renda da maioria da população) – aos setores menos favorecidos da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de metas relacionadas à diminuição da desigualdade e ao fomento da educação.

Encerramos este texto com um “Manifesto”, o qual, em nosso entender, sintetiza algumas dos elementos centrais do “fazer cartonero”, sobretudo, em seu aspecto ideológico. Trata-se do Manifesto Candeeiro Cartonera, de Caruaru, Pernambuco:

Manifesto Candeeiro Cartonera, ou “Nossa Utopia de Papelão”

Não se trata de um negócio, trata-se de literatura, arte e felicidade.

Não se trata de uma etnia, trata-se de pessoas, sonhos e liberdade.

Não se trata de hierarquia, trata-se de parcerias, trocas e colaboratividade.

Não se trata de poder, trata-se de minorias, acesso e visibilidade.

Não se trata de consumo, trata-se de consciência de mundo, reutilização e sustentabilidade. (Grifos no original)¹⁶

REFERÊNCIAS

ALFARO, César Trujillo. Editoriales cartoneras en Chile: Producción artesanal de libros, dinámicas sub-culturales-contraculturales y capital social desarrollados en sus talleres cartoneros y escenarios de venta. *Tese para obtenção do título de Licenciado em Antropologia e de Antropólogo Social*. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Escola de Antropologia. Santiago: Chile, 2017. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.academia.cl/bitstream/handle/123456789/4272/TANT%20212.pdf?sequence=1&i-sAllowed=y>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CERTEAU, Michel de. L 'invention du quotidien, I. Arts de feire. Paris: Galimard, 1990. p. 251. Apud CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UNB, 1999.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora*: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LOBO, Andréa Maria Carneiro; ALMEIDA, Marcelo Henrique Barbosa de. Por um mundo por vir: os livros cartoneros e a nova face da literatura marginal na América Latina. *Imaginário!* Paraíba, Publicação da Associação Marca de Fantasia e do Namid-Núcleo de Arte, Mídia e Informação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. N. 13, Dezembro de 2017, p. 47-60.

MANIFESTO CANDEEIRO CARTONERA OU “NOSSA UTOPIA DE PAPELÃO”. In: MILENA, Tais. *As aventuras do pássaro menino e do eu menina*. Caruaru: Candeeiro Cartonera, 2018.

VILLARRAGA-ESLAVA, Fernando et. al. Maria Papelão Editora. In: CHINCHAY, Alfredo Ruiz. *Libre vive libro*. Propósitos y experiencias de las editoriales cartoneras. Lima: Viringo Cartonera, 2014.

16 MANIFESTO CANDEEIRO CARTONERA OU “NOSSA UTOPIA DE PAPELÃO”. In: MILENA, Tais. *As aventuras do pássaro menino e do eu menina*. Caruaru: Candeeiro Cartonera, 2018. p.47.